



ETNOCIÊNCIA INDÍGENA: DISCUSSÕES SOBRE PRESERVAÇÃO AMBIENTAL NA PERSPECTIVA DE EGRESSOS INDÍGENAS DA LICENCIATURA INTERCULTURAL DA AMAZÔNIA

Douglas Junior de Souza Alves [*]

Reginaldo de Oliveira Nunes [**]

José Roberto Linhares de Mattos [***]

[*] Mestrando do PGEEN/UNIR – Bolsista
CAPES – ORCID: 0000-0003-0302-318X. E-
mail: douglaskcoal1@hotmail.com.

[**] Professor Doutor da UNILAB – ORCID:
<https://orcid.org/0000-0003-0213-7070> – E-
mail: reginaldonunes@unilab.edu.br.

[***] Professor Titular da Universidade
Federal Fluminense – Docente do Mestrado
em Educação Agrícola da UFRRJ e do
Doutorado da REAMEC/UFMT/UFPA/UEA
– ORCID: 0000-0002-4075-6764. E-mail:
jrlinhares@gmail.com.

RESUMO

A etnociência, na perspectiva indígena, é uma forma particular do grupo de pensar e produzir conhecimentos. Sendo assim, por ser culturalmente de tradição oral, é necessário encontrar forma de sistematizar esses conhecimentos de forma escrita, garantindo que não se percam com o passar do tempo. O objetivo da presente pesquisa foi investigar a etnoconservação da biodiversidade, por meio da preservação ambiental, na perspectiva de egressos indígenas em seus escritos interculturais de conclusão de curso. A metodologia envolve uma pesquisa bibliográfica, com abordagem qualitativa, sendo analisados 22 trabalhos de conclusão de curso de egressos disponibilizados na página do departamento da Licenciatura em Educação Intercultural da Fundação Universidade Federal de Rondônia (UNIR) e Curso de Licenciatura Intercultural Indígena da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP). Os resultados trazem discussões importantes sobre a preservação ambiental na perspectiva dos egressos indígenas, produzidos com suas comunidades, apontando não apenas a sua importância, mas também o reconhecimento de consequências advindas dos impactos ambientais negativos em seus territórios indígenas. É essencial, por meio da etnociência, sistematizar esses etnoconhecimentos tendo em vista o seu registro escrito e por meio deles pensar em soluções para preservação ambiental.

Palavras-chave: Etnociência. Indígenas.
Amazônia.



CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O cenário global atual aponta para inúmeros impactos ambientais em decorrência de ações humanas de vários segmentos da sociedade, decorrente do aumento acelerado do desmatamento e queimadas da floresta Amazônia brasileira. Segundo Nunes, Reis e Oliveira (2020), entre os problemas ambientais que acontecem nas terras indígenas e nas aldeias, o de maior representatividade é o desmatamento. A perda da floresta é outro indicador elevado que envolve queimadas e extração ilegal de madeira com taxa superior a 49%. De fato, Diegues (1999), já alertava há uma década sobre esse aspecto do desmatamento.

Informações do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE) destaca que o desmatamento na Amazônia quebrou todos os recordes em 2020, alcançando a maior área nos últimos 12 anos. Para Nunes, Reis e Oliveira (2020), os motivos pelos quais os problemas ambientais ocorrem estão relacionados à ambição e ganância do homem, seguidos pela falta de fiscalização dos órgãos governamentais e a falta de responsabilidade e consciência do próprio ser humano.

Sobre esse aspecto, Pereira e Diegues (2010), discutem que o modelo capitalista trouxe um panorama ambiental decorrente de ações humanas sem uma proteção e conservação eficaz da natureza. Os conhecimentos ancestrais surgem, então, como uma alternativa primária. Para que isso ocorra, é necessário que sejam dialogados, analisados e discutidos aspectos a etnoconservação, difundida pela etnociência.

Muitos desses conhecimentos e práticas são manifestados pela relação direta com o uso de recursos ambientais pelas populações tradicionais. Assim, a etnoconservação, está relacionada com o “cruzamento entre saberes tradicionais e científicos sobre o meio ambiente de modo a valorizar articulações, comparações, conexões, integrações e, quem sabe, aprendizagens multilaterais” (BARBOSA; AGUIAR, 2018, p. 247-248). Silva, Mattos e Mattos (2021), ressalta que os saberes e fazeres da ancestralidade indígena estão sendo resguardados e contextualizados por sábios indígenas a centenas de anos, apesar de sofrerem pelas ações de não indígenas.

De fato, Córdula, Nascimento e Lucena (2018), defendem que esses saberes e fazeres devam ser inseridos no currículo educacional em todos os níveis de ensino, para que as



presentes e futuras gerações possam discutir sobre o processo de sustentabilidade como instrumento na conservação dos recursos naturais.

As populações tradicionais, segundo Diegues (2019, p. 120), “não só convivem com a biodiversidade, mas nomeiam e classificam as espécies vivas segundo suas próprias categorias e nomes”. Partindo dessa contextualização, a pesquisa tem como objetivo investigar a etnoconservação da biodiversidade, por meio da preservação ambiental, na perspectiva de egressos indígenas da Amazônia em seus escritos interculturais de conclusão de curso.

Os resultados trazem discussões sobre preservação ambiental na perspectiva de egressos indígenas, apontando não apenas a sua importância, mas também o reconhecimento de consequências advindas dos impactos ambientais negativos. Disseminar boas práticas de preservação da natureza e dos conhecimentos tradicionais indígenas é uma forma de estabelecer uma consciência crítica em relação à preservação ambiental, favorecendo assim a propagação das políticas públicas conservacionistas.

CAMINHOS PARA CHEGAR AOS RESULTADOS

A metodologia do trabalho envolveu uma pesquisa de cunho bibliográfico, com abordagem qualitativa. Foram analisados os trabalhos de conclusão de curso de egressos disponibilizados nas páginas dos departamentos da Licenciatura em Educação Intercultural da Fundação Universidade Federal de Rondônia (UNIR) e do Curso de Licenciatura Intercultural Indígena da Fundação Universidade Federal do Amapá (UNIFAP). As duas universidades foram escolhidas por terem em seus sites institucionais os trabalhos de conclusão de curso disponibilizados para consulta.

Foram incluídos na pesquisa todos os trabalhos de conclusão de curso que tivessem relação com a temática da análise “Meio Ambiente e Preservação”, disponibilizado no banco de dados das instituições, com defesa entre o período de 2013 a 2019. O estudo apresenta diálogos dos elementos subjetivos da relação entre indígenas e o meio ambiente e preservação. Para atingir ao objetivo proposto na pesquisa foram analisados os materiais e excluídos da análise todos os trabalhos que não faziam referência ao tema da pesquisa, buscando-se imparcialidade. Construiu-se um fichamento que se baseou em temas com relação ao assunto abordado nos trabalhos de conclusão de curso.



Ao todo, foram analisados 22 (vinte e dois) trabalhos de conclusão de curso, sendo 15 (quinze) trabalhos da Licenciatura em Educação Intercultural da Fundação Universidade Federal de Rondônia (UNIR) e 07 (sete) da Licenciatura Intercultural Indígena da Fundação Universidade Federal do Amapá (UNIFAP). A pesquisa pode-se debruçar sobre os conhecimentos tradicionais das etnias Karipuna do Amapá, Suruí, Gavião/Ikolen, Galibi Marworno, Aikanã, Sabanê, Zoró, Aruá, Canoé/Kanoé, Oro Nao', Djeoromitxi, Makurap e Karitiana, e os resultados dessa análise são apresentados a seguir.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A conservação da natureza, do jeito que se apresenta hoje, traz grandes desafios aos conservacionistas, pesquisas nas universidades e às populações tradicionais. A conservação que é praticada no Brasil está relacionada à gestão de áreas de proteção integral, e muitas vezes, feitas com práticas não democráticas e/ou participativas. Essas práticas estão distantes “das paisagens locais, das necessidades e dos saberes das populações, sobretudo as tradicionais, além de ser pouco inovadora em práticas científicas adaptadas aos ambientes tropicais” (DIEGUES, 2019, p. 117).

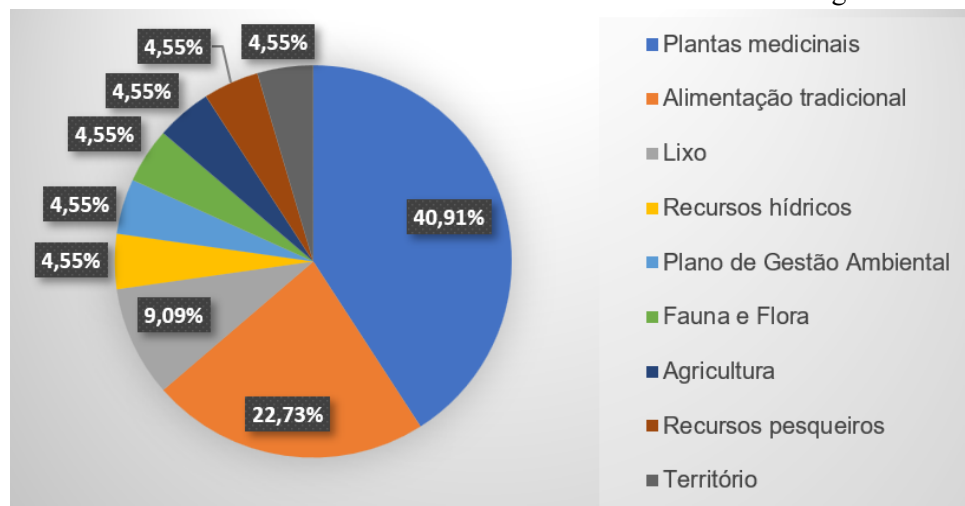
A sociedade atual vem enfrentando paradigma sem precedentes na sua história, em decorrência da alta demanda no consumo dos recursos naturais, gerando graves impactos ambientais. Estes impactos, ao longo de tempo, se acentuaram, vindo afetar a dinâmica natural do meio ambiente (CAPRA, 2006).

Buscar o entendimento das relações do ser humano com o meio ambiente é importante tendo em vista a busca da conservação dos recursos naturais e adoção de práticas sustentáveis. Deve-se ressaltar, portanto, a importância dos conhecimentos ancestrais das populações indígenas, que construíram ao longo do tempo relações específicas tanto culturalmente quanto socialmente com a natureza (GOMES *et al.* 2017).

Visando compreender essas relações, foram incluídos na pesquisa, os trabalhos de conclusão de curso de egressos indígenas que tivessem relação com a temática “meio ambiente e preservação”. Para analisar as temáticas discutidas nos trabalhos de conclusão de curso, foram levados em consideração os temas ligados ao meio ambiente e preservação, objetivo da presente pesquisa. Os 22 trabalhos de conclusão de curso, foram distribuídos em 09 (nove) assuntos relevantes. Os assuntos relacionados ao tema central Meio Ambiente e

Preservação são apresentados na Figura 1, sendo o subtema plantas medicinais como o de maior representatividade (40,91%).

Figura 1 – Temáticas abordadas nos Trabalhos de Conclusão de Curso dos egressos indígenas.



Fonte: Elaborado pelos autores (2022).

As temáticas abordadas nas pesquisas dos Trabalhos de Conclusão de Curso foram divididas em três seções para discussão, passando a ser discutidas a seguir.

Diálogos indígenas sobre plantas medicinais e a preservação do meio ambiente

A maior preocupação dos egressos indígenas em seus trabalhos de conclusão de curso foi à valorização dos conhecimentos ancestrais dos mais velhos sobre as plantas medicinais. Os povos indígenas possuem conhecimentos milenares, que são transmitidos pela oralidade, repassados entre gerações pelos mais velhos, anciões, sabedores da cultura, comunidade como um todo. Agem, portanto, como guardiões, preservando a floresta.

Para Gavião J. P. (2015), o povo Arara-Karo de Rondônia, tem o seu próprio processo de ensino e de aprendizagem, sendo a educação indígena a mais utilizada. Essa educação é advinda da observação e orientação de seus anciões, sendo o saber transmitido de geração em geração. Sobre as plantas medicinais, Gavião J. P. (2015, p. 07) enfatiza que “muitas doenças não são necessárias serem curadas na cidade, pois existem no território indígena as ervas que podem curar algumas doenças aqui mesmo na aldeia”.

Nesse sentido, segundo Córdula, Nascimento e Lucena (2018, p. 97), “a crise ambiental que o planeta vem passando é fruto da ação humana, da utilização da natureza, que



a entende como recurso a ser explorado incessantemente, para suprir as demandas de consumo da sociedade”. Os autores, ainda relatam que para reverter esse impacto, é preciso ter uma conscientização perante a sociedade, elencando os saberes e fazeres no processo educacional, que serve de exemplo em todas as modalidades de ensino.

Sobre esse aspecto ainda, Santos (2018), relata sua experiência pedagógica com as plantas medicinais, como um instrumento de valorização da cultura do seu povo, da etnia Karipuna do Amapá, na aldeia Açaizal, Terra Indígena Uaça, município do Oiapoque. O objetivo do seu trabalho foi vitalizar o conhecimento da comunidade em conjunto com os alunos e todos os pertencentes da aldeia. Foi criada uma horta denominada “farmácia natural”, onde preservou e catalogou espécies de plantas medicinais. A pesquisa revela a possibilidade e o valor que a escola tem como local de construção do conhecimento, cultura e cidadania, mostrando sua força, como comunidade participativa na formação de cidadãos preocupados em manter suas identidades. Assim, Núñez e Ramalho (2017, p. 3), destaca que a educação em ciência “deve contribuir para melhorar a vida dos estudantes e dos mais necessitados”, contribuindo para a promoção da saúde e da satisfação das necessidades básica, proteger dos riscos e dar esperança.

As riquezas de espécies vegetais utilizadas pela comunidade indígena da aldeia Kamarumã que pertence à etnia Galibi Marworno, localizada a margem esquerda do médio Rio Uaça, Terra Indígena Uaça, município de Oiapoque, estado do Amapá é de grande importância para manter o conhecimento ancestral salvaguardando as plantas medicinais e a continuidade dos fitoterápicos (HENRIQUE; SANTOS, 2016).

Segundo Gavião C. A. (2015, p. 12), os grandes “sabedores e conhecedores das plantas, são os que sabem preparar, misturar, classificar, sabem das potencialidades químicas e dos processos de aplicação no ser humano”. Eles utilizavam “vários tipos de plantas, sendo cada uma com sua finalidade específica para combater, proteger, atrair, estimular e desenvolver, resgatar, preservar e registrar” (GAVIÃO C. A, 2015, p. 18).

Suruí A. (2015), em sua pesquisa relata que as plantas medicinais são de grande importância para o povo Paiter, e se utilizava as plantas para curar doenças bem antes do contato com o não indígena. Segundo Suruí, o “Pajê Mogeron curava os doentes através dos espíritos e dos remédios” (SURUÍ A, 2015, p. 20).



Corroborando com esse aspecto Luciano (2006, p. 177), ao dizer que os povos indígenas sempre possuíram as suas concepções e conhecimentos próprios quanto ao tratamento e cura de doenças. Nesse sentido, a medicina indígena “é uma das expressões culturais que mais se mantiveram” mesmo com o contato com os portugueses, que trouxeram doenças a comunidade indígena que “aliás, muitas dessas doenças trazidas nem mesmo os europeus sabiam ou sabem curar até hoje”.

Para Santos (2018), o uso de plantas medicinais como tratamento de enfermidades é antigo, sendo esse saber advindo do conhecimento dos antepassados, que são repassados de geração em geração, por sabedores e anciões. Esses sabedores e anciões são responsáveis por ensinar e mostrar, onde coletar e como utilizar as plantas medicinais como medicamento para tratar de várias enfermidades. Porém, com o contato constante com os não indígenas, houve mudanças na cultura, deixando os indígenas de utilizar as plantas medicinais para tratar as enfermidades e passaram a utilizar medicamentos de laboratórios, encontrados nos hospitais, postos médicos e até mesmo comprando nas farmácias.

De fato, o pesquisador expressa que os povos indígenas após o contato com os europeus conheceram a medicina do branco e aprenderam a valorizá-la, fazendo assim o uso “intensivo de medicamentos e de equipamentos médicos e na concepção de doença como algo biológico”, havendo então, uma crescente procura “por medicamentos, hospitais, laboratórios e outros meios científicos e tecnológicos” (LUCIANO, 2006, p. 177).

Essa facilidade que os indígenas tiveram após o contato com o não indígena de encontrar medicamentos, acabou afastando-os de recorrer à mãe natureza. Nesse sentido, Jaboti J. R. (2015, p. 25) esclarece que “antes do contato, éramos independentes desses medicamentos no tratamento das doenças que afligiam o nosso povo, que usavam os remédios tradicionais e curavam muito bem as doenças”. Em uma de suas entrevistas, na comunidade Baía das Onças, localizada na Terra Indígena Rio Guaporé, município de Guajará-Mirim, estado de Rondônia com o povo Djeoromitxi sobre sua medicina tradicional, Jaboti J. R. (2015) destaca que “nós temos muitos remédios que conhecemos para quase todas as doenças, mas quem conhecia mais já faleceram”, e complementa ao citar que “temos remédios para diarreia, conjuntivite, dor de dente, mordida de aranha e cobra, etc” (JABOTI J. R., 2015, p. 18).



É de se notar que o pós-contato com o não indígena, revelou-se a falta de interesse dos indígenas mais novos pela utilização das plantas medicinais. Sobre a perda de interesse, Silva, Mattos e Mattos (2021), descrevem que, os sábios ou sabedores reconhecem a importância de transmitir os saberes e fazeres indígena na escola, participando das atividades, desde as mais complexas. Sobre esse aspecto, os autores destacam que: “os mais jovens esquecem sua cultura, mas quando são ensinados, em família, eles aprendem”, com isso, vemos a preocupação quanto ao fortalecer e salvaguardar os conhecimentos ancestrais (SILVA; MATTOS; MATTOS, 2021 p. 628).

Marcelo Karitiana (2016, p. 24), mostra que “no tempo antigo usava muito a medicina tradicional, mas quando entrou em contato com os não indígenas aí começou a influência no uso da medicina tradicional do povo Karitiana”. Com isso, a importância da pesquisa foi registrar e catalogar espécies de plantas contextualizando e demonstrando o seu preparo e registros fotográficos.

Vale aqui registrar “que a Floresta Amazônica dispõe de recursos com grande diversidade genética, porém muitas de suas potencialidades ainda não foram identificadas”. É sabido que “alguns de seus recursos (como folhas, raízes, óleos, cascas, madeiras) são tradicionalmente utilizadas para fins medicinais e farmacêuticos, energéticos, mecânicos, cosméticos”. Apesar disso, “saem da floresta e são exportados para fora da região em estado bruto, sem serem submetidos a processos de beneficiamento e transformação mais ou menos finais” (DIEGUES, 1999, p. 90).

A noção de preservação da floresta e dos recursos naturais pode ser observada na citação de Oro Nao’ (2016, p. 17), ao discutir que segundo informações dos sabedores indígenas, “antigamente ninguém brincava com a natureza, pois o povo Oro nunca destruiu a floresta, era sempre protegida, e por isso até hoje as plantas medicinais estão na floresta para serem usadas pelo povo”. A noção de sensibilização quanto à importância das plantas medicinais é notada ao citar que “o povo Oro Nao’ sabe que se acabar com a floresta vai acabar com as plantas medicinais”. Nesse sentido, foram abordados nos trabalhos, os conhecimentos ancestrais e a importância de registrar esses conhecimentos para as futuras gerações.

De fato, Córdula, Nascimento e Lucena (2018, p. 96), discorrem que “estes saberes registrados pelos educandos das escolas, possibilitarão a sensibilização dos integrantes da



própria comunidade escolar e do seu entorno, além do resgate e valorização de saberes e valores culturais/sociais, [...]”, trazendo consigo resultados “que poderão se refletir em atitudes de proteção ao patrimônio natural (etnoconservação)”.

Os trabalhos de conclusão de curso sobre a temática de plantas medicinais são inéditos nas Universidades em que foram apresentados (Tabela 1). Cada povo indígena registrou várias espécies de plantas medicinais, enfermidades em que são utilizadas, maneiras de preparo e onde encontrá-las.

A abordagem na pesquisa foi feita de maneira geral, não especificando nas espécies de plantas medicinais em si, mas sim, sobre o conhecimento ancestral, e a importância de preservação desses recursos naturais, visando tê-las disponíveis para o uso das futuras gerações. É interessante estabelecer a discussão da importância que os mesmos dão a preservação da floresta (etnopreservação), pois é dessa floresta que são retiradas as plantas para prevenção e cura de doenças. A floresta também representava o local sagrado de contato dos pajés com os espíritos que os guiavam as plantas para tratamento das enfermidades das pessoas. Utilizamos representava, pois a maioria das análises trazem uma perda da função do pajé nas aldeias, devido a interferência das religiões que consideram o processo de contato com espíritos de cura errado, promovendo assim, uma interferência no processo milenar que vinha sendo realizado pelos povos indígenas em suas culturas.

Nas pesquisas analisadas é possível notar a interferência religiosa no processo de pajelança indígena, o desinteresse dos mais jovens pela medicina tradicional, a destruição do território indígena com a invasão de madeireiros, grileiros, entre outros, bem como a dificuldade de acesso as plantas medicinais que estão cada vez mais distantes da aldeia. Iniciativas educacionais são de suma importância para o resgate desses conhecimentos e para despertar o interesse dos alunos por esses conhecimentos tradicionais.

TABELA 1: Plantas medicinais utilizadas pelos povos indígenas da Amazônia obtidas nas pesquisas dos egressos das Licenciaturas Interculturais.

Autor	Ano de Defesa	Nº de Plantas	Nº de Informantes	Principais Enfermidades
--------------	----------------------	----------------------	--------------------------	--------------------------------



Alexandre Suruí	2015	10	03	Fraturas, cortes e machucados, conjuntivite, diarreia ou dor de barriga, picada de cobra e de inseto, inflamação de boca, dor de dente, dor de cabeça ou dores nas juntas do corpo.
Cristiane Ambé Gavião	2015	18	02	Dor de cabeça, tratamento de anemia, diarreia, dores de garganta, dores no abdome e no coração, falta de ar, náuseas e vômitos, dor na coluna, fluxo menstrual, fortalecer a estrutura física, recuperar o ânimo e abrir o apetite, curar o tumor, verminose,
José Palahv Gavião	2015	24	60	Verminose, reposição de energia, estímulo sexual, infecções das feridas que aparecem na boca, diarreia, distúrbios do sono, feridas da cabeça, dor na coluna, dor de cabeça, feridas da pele ou cortes graves, vitamina, hemorragia.
José Roberto Jaboti	2015	14	03	Pano branco, Leishmaniose, Queimadura de fogos, mordida de cobra pico de jaca, levantar o alto estima, Corte e feridas, evitar gravidez, diarreia.
Sebastião Gavião	2015	21	15	Dor de barriga e disenteria, sintoma de gripe, epilepsia, dor no tórax ou no coração, furúnculos, amenizar o sangramento, dor ou Reumatismo, dor no Estomago, amenizar dor no caso de picada de arraia.
José Maria Oro Nao'	2016	13	04	Dores no corpo, diarreia, derrame, mioma, câncer e dor de cabeça, hepatite, catarata, doenças do coração e cicatrização de cirurgias, gastrite, leishmaniose, dor no estômago e pressão alta, vômito, dor de dente, sangramentos de mulher grávida e não deixar abortar.
Marcelo Tasegngã Karitiana	2016	35	04	Proteção de doença e do espírito do mau, estresse, malária, Fortalecimento dos ossos, dor de cabeça.
Alair Henrique e Fabio dos Santos	2016	42	12	Diarreia, diabete, dor de estomago, sarampo, reumatismo, gastrite, gripe, febre, malária, dor de cabeça, verme, sapinho, infecção, vômito, pressão alta, câncer, feridas.
Roberto Marcelino dos Santos	2018	16	13	Diarreia, asma, dor de barriga, pressão alta, ameoba, malária, dor na coluna vertebral, pedra na vesícula, evitar gravidez, dores e febre, sarampo, hemorragia, combate gripes, combate a diabetes.

Fonte: Elaborado pelos autores, 2022.

Sobre esse aspecto Suruí A. (2015, p. 20), descreve que, os indígenas mais velhos fazem uma conexão entre as plantas medicinais e o paciente, pois “dizem os mais velhos que a parte da planta que entra no chão é aproveitada e a parte de fora é geralmente colocada de novo dentro do buraco de onde foi tirado para que as plantas possam brotar novamente”.



Assim, o resultado que obtiver quanto à planta medicinal que foi colocada no buraco será a cura ou não da enfermidade do paciente. Essa informação pode ser notada na seguinte citação: “para saber se a pessoa vai resistir da doença ou curada, as plantas nascem de novo conforme a planta vai nascendo a pessoa doente vai vivendo novamente”.

O Pajé é o líder responsável pelo cuidado espiritual da comunidade, e o processo de cura das enfermidades era feita por ele por meio de plantas medicinais e através de espíritos (SURUÍ A, 2015, p. 20). Porém com o anúncio do evangelho de Cristo, por missionários e a chegada da igreja na Terra Indígena Suruí (TI), o costume e crença de pajelança foi deixada de lado.

Ainda sobre esse aspecto Oro Nao’ (2016, p.08), registra que os conhecedores sobre plantas medicinais “eram os pajés, porque eles dormiam e sonhavam com espírito das plantas dizendo o que podia usar contra aquela doença, o espírito também orientava como preparar as plantas medicinais para usar como remédio”.

Para encerrar essa discussão, recorreu-se aos escritos de Jaboti R. J. (2015, p. 26), ao qual destaca que quando a Universidade conheceu “o real potencial das ervas medicinais em relação as suas utilizações na cura de doenças do povo Djeoromitxi, fez com que o conhecimento tradicional fosse resgatado e fortalecido”.

O que dizem as pesquisas indígenas sobre alimentação tradicional e as mudanças provocadas advindas do contato?

Nos escritos indígenas houve preocupações em resguardar a alimentação tradicional, práticas culinárias sustentáveis, tendo como maior fornecedor alimentar a natureza, ou seja, as práticas culinárias tradicionais não são prejudiciais ao meio ambiente.

Os indígenas têm o conhecimento ancestral de cultivar, plantar, colher, sem causar impactos negativos ambientais. Esse registro despertou o interesse dos egressos dos cursos de Licenciatura Indígena Intercultural a valorizar o conhecimento sobre a alimentação tradicional, as práticas de cultivar os alimentos e noções de preservação e conservação da natureza.

Para Suruí R. L. (2015), a alimentação indígena é saudável e rica em vitaminas, sais minerais e outros nutrientes. Os povos indígenas “têm um jeito próprio de preparar os alimentos, que podem ser cozidos, assados ou defumados (ou moqueados)”. De fato, Diegues



(2000, p. 05), traz essa discussão, ao evidenciar ser “fundamental realizar o inventário dos conhecimentos, usos e práticas das sociedades tradicionais indígenas e não-indígenas pois os registros em banco de dados serão úteis para futuras gerações”. Nesse sentido, Diegues indica que essas sociedades “são os grandes depositários de parte considerável do saber sobre a diversidade biológica hoje conhecida pela humanidade”.

A população indígena está passando por um processo de transformação em seus hábitos alimentares. Esse processo ocorre de forma natural após o contato com o não indígena e com a aproximação da tecnologia. Segundo Jaboti V. (2015, p. 27), “com essas reflexões sobre alimentação, é que as preocupações surgiram em defesa dos nossos cardápios alimentares que estão tão esquecidos pelo povo Djeoromitxi”.

A preocupação do povo indígena nas mudanças alimentares é devida à aproximação com produtos industrializados, que desde então ocupou espaços no cardápio indígena, trazendo para dentro das aldeias doenças inexistentes antes do contato, como diabetes, anemia, infecções urinárias e gripe. Para Makurap (2015), o seu povo deixou os conhecimentos culinários e ingredientes tradicionais na preparação dos alimentos, substituindo por alimentos gordurosos, comida com bastante sal e consumo exagerado de açúcar. Essas mudanças alimentares trouxeram problemas de saúde, como alto índice de indígenas com colesterol, diabetes e pressão arterial alta.

Com o aumento do consumo de produtos industrializados, além das doenças causadas aos indígenas, como citado anteriormente, também trouxe impactos ambientais negativos devido ao acúmulo de lixo nas aldeias. Segundo Figueiredo (2018, p. 18), “é preciso conscientizar as comunidades indígenas no que diz respeito a gestão dos resíduos produzidos nas aldeias e torna-se necessário criar medidas para que o lixo possa ser mais bem gerido”. O problema com o acúmulo de lixo na aldeia Kunanã trouxe doenças como: diarreias, vômitos e malária. Vendo isso, de acordo com Figueiredo (2018, p. 11), “algumas pessoas da comunidade com os agentes de saúde (AIS) e juntamente com os professores e o cacique se reuniram e discutiram a respeito dos problemas causados pelo lixo”.

Como resultados dessa discussão, foram adotadas algumas medidas, como alocação do lixo em um local a céu aberto, único e específico localizado a 100 metros da aldeia, colocação de lixeiras, elaboração de cartazes em português e em Kheuól (língua materna) e fixação por toda a aldeia. Além dessas medidas, cada família ficou responsável em realizar a coleta do



lixo e levar até o local específico, trabalhando em conjunto visando a manutenção do ambiente limpo (FIGUEIREDO, 2018).

De fato, Nunes, Reis e Oliveira, defendem que “o empoderamento dos povos indígenas na Amazônia e sua autonomia na tomada de decisões em relação a construção do futuro” são de suma relevância, e afirmam que a educação escolar indígena e a educação em ciências, “tem papel fundamental visando a construção de pontes entre os saberes tradicionais dos povos indígenas, adquiridos ao longo de gerações, por meio do contato direto com a natureza e os saberes científicos da sociedade ocidental” (NUNES; REIS; OLIVEIRA, 2020, p. 14).

Corroborando com a discussão, Sousa e Martins (2019, p. 140), destacam que aspectos relacionados “a valorização da identidade indígena, autorreconhecimento, aplicação do conceito de interculturalidade e a necessidade da continuidade sobre a luta do movimento social indígena, em defesa da sua própria educação escolar” são primordiais para os aspectos culturais dos grupos indígenas.

Sobre a conscientização em relação à problemática do lixo na Aldeia, Forte (2013), destaca que como educador sempre orienta as crianças a não jogarem lixo em qualquer lugar, mantendo a aldeia limpa, pois além de ser uma questão ecológica também é de saúde. Enfatiza também a importância das medidas de educação ambiental para a comunidade. Essa importância pode ser verificada ao citar que “sabemos que precisa iniciar e continuar com ações de combate ao lixo na aldeia, fazendo palestras com jovens, reuniões junto à comunidade falando a respeito do lixo” (FORTE, 2013, p. 20-21).

Além desses aspectos, também foi levantado por Aikanã C. (2015), a utilização dos animais na alimentação tradicional. Em seu trabalho de conclusão de curso, trouxe o manejo de cinco animais que são consumidos pela comunidade, sendo eles: Paca, Queixada, Mutum, Tatu Galinha e Tatu 15 quilos. Para refletir sobre esse manejo, Aikanã C. utilizou como descrição e referências 07 (sete) itens, sendo eles: 1) Característica do animal; 2) Habitat e distribuição; 3) Disponibilidade; 4) Porque é importante; 5) Calendário ou época de caçada; 6) Quantidade utilizada pelo povo Aikanã e 7) Solução para preservar. Após análise, Aikanã C. (2015, p. 42) aponta que “com estas práticas de manejo de animais, podemos garantir a existência de biodiversidade no futuro. Desta forma se conseguirmos fazer os manejos teremos a sustentabilidade de recursos naturais da Terra Indígena Tubarão/Latundê”.



Segundo Jabuti V. (2015), o povo Djeoromitxi vive em um lugar atualmente favorável ao extermínio de sua alimentação tradicional. Isso é explicado pelo fato de não fazerem mais uso das alimentações própria da cultura, pois os mais jovens vêm provando e gostando da alimentação não indígena, consumindo alimentos diversos como: frituras, lanches, salgadinhos industrializados e sobremesas com alta quantidade de açúcar, que são alimentos prejudiciais à saúde indígena. Esse consumo de alimentos industrializados pode ter relação com o acesso aos produtos nas cidades e também, segundo Santos e Silva (2019), com a interferência na prática de fazer roça para produção dos alimentos tradicionais.

Há de se pensar também, na preservação de sementes visando a produção dos alimentos tradicionais. Sobre esse aspecto, Kanoé (2015, p. 29), relata que: “armazenamos as sementes para o próximo ano para fazer nova plantação na roça”. Em relação a esse armazenamento, destaca que “as sementes de milho, amendoim, feijão e arroz são guardadas numa cabaça ou em um pote bem fechado para não estragar”.

Atualmente, também utilizam “garrafas pet e tambores de plástico, sendo que o cará é guardado em um paneiro grande e a mandioca fica na roça mesmo” para ser colhida quando precisarem. Assim é a colheita do povo Kanoé, que mesmo não falando mais sua língua materna, não deixaram perder as tradições e costumes. Costumes esses relacionados a alimentação e pintura corporal (KANOÉ, 2015, p.31).

Reflexões indígenas sobre os impactos nos recursos naturais e no território

A sociedade mundial vem passando por transformações diferenciadas, como: avanços tecnológicos, aquecimento global, desmatamento ambiental, queimadas e poluição. É notório, que as populações indígenas se encontram imersas neste processo, sendo os mais prejudicados com esses indicadores. Indicadores esses como impactos nas mudanças climáticas, desequilíbrio no ecossistema, perda da biodiversidade, entre outros.

Devido a essa preocupação, Aikanã C. (2015), escolheu como tema do seu trabalho de conclusão de curso, na Terra Indígena Tubarão Latundê, o conhecimento dos recursos naturais e proposta de Plano de Gestão Ambiental Territorial. Entende-se a necessidade dessa proposta ser discutida com a comunidade “para conservação e sustentabilidade dos recursos naturais da nossa Terra Indígena”. Segundo Aikanã C, os recursos que sua comunidade



precisa é: “florestas, animais comestíveis, caça, animais domésticos, saúde ambiental e roças e recursos hídricos” (2015, p. 50).

De fato, Barbosa e Aguiar (2018, p. 251), afirmam que o processo de conservação tratado em ambientes a qual envolva “questões econômicas, sociais, culturais e políticas, a exemplo do que acontece em países em desenvolvimento como o Brasil, exige uma abordagem diferenciada e abrangente que considere ao máximo essa multiplicidade de fatores”.

Vemos então, que os povos Indígenas com suas práticas de sustentabilidade e manutenção dos recursos florestais oriundos de uma política própria, transmitida pelos antepassados por meio da oralidade tem a similaridade com a abordagem etnoconservacionista, envolvendo a comunidade indígena com o meio natural como instrumento de preservação da biodiversidade.

Para Sabanê, o Brasil é um país rico em recursos hídricos e florestas, no entanto, os rios estão sendo afetados devido aos desmatamentos nas matas ciliares, que ficam às margens dos rios. A destruição das matas ciliares provoca o assoreamento, que é o deslizamento de terra para o leito dos rios, provocando desequilíbrio ecológico. Sabanê ainda complementa essa problemática, ao citar que: “o rio vai secando, os peixes e animais estão morrendo, vai acontecer um grande problema com nosso próprio corpo sem a água que estamos destruindo e ninguém percebe” (2016, p. 37).

De fato, segundo Diegues, o grande avanço do desmatamento na região Amazônica se deve pelos projetos agropecuários, pois necessita de enormes áreas para pastagens, ocasionando a degradação em virtude dos fertilizantes utilizados por fazendeiros e latifundiários. Sendo assim, “a apropriação recente dos seus recursos naturais renováveis e não-renováveis, pelo capital nacional e internacional, resultou numa destruição maciça do seu patrimônio natural e na marginalização da maioria das populações locais”. Também vale ressaltar que madeireiros e mineradores são responsáveis pela intensidade dos impactos ambientais em função de áreas afetadas e da ligeireza do desmatamento (DIEGUES, 1999, p. 14).

Fernando Canoé (2016) relata os impactos causados por pequenas centrais hidroelétricas (PCHs) e das fazendas com grande área de pastagens e café. A ganância humana existente a milhares de anos, de características exagerada de possuir riquezas, destruir



florestas e rios, chega a um ponto de tomar a terra dos proprietários legítimos, que são os indígenas. Canoé (2016) em sua pesquisa de campo feito na Terra Indígena Rio Branco, estado de Rondônia, enfatiza esse ato desumano e cruel que aconteceu com o povo Aruá. Essa informação pode ser compreendida, quando relata que: “O velho Aruá, ao contar suas tramas que teve na vida, se põe a chorar ao sentir que na sua infância, não gozou felicidade, mas sim o gosto da desumanidade, que o seringalista causava sobre a população indígena do Rio Branco” (CANOÉ, 2016, p. 32).

A falta de fiscalização e punição dos órgãos federais, estaduais e municipais, corrobora para que esses delitos aconteçam. Quando acontece a fiscalização, a impunidade fica à mercê, fazendo um círculo vicioso de reincidências. Para Suruí R. L. (2015), é de suma importância o diálogo entre a comunidade. Esse diálogo pode render frutos positivos no combate aos impactos ambientais e sociais.

Sobre o conhecimento etnoecológico e a conservação dos recursos pesqueiros na Terra Indígena Juminã, etnia Karipuna do Amapá, Freitas (2016) contribui, ao afirmar que, que segundo os moradores das aldeias Kananã e Uaha, durante todo o ano se capturam peixes, sendo o verão um bom período para captura, devido ficarem em poços e lagos. Já no inverno, os campos ficam cheios e os peixes se “espalham”. O período compreendido entre dezembro e março é de grande fartura de peixes, no entanto, esse é o período de reprodução dos mesmos. Infelizmente, nesse período, os moradores aproveitam, pescando grandes quantidades de peixes, interrompendo a reprodução e favorecendo ao declínio dos recursos pesqueiros. Se faz necessário, um processo de conscientização dos moradores, para que os mesmos só pesquem o que precisam para se alimentar, deixando que o ciclo aconteça naturalmente.

De fato, sobre esse aspecto, Diegues, recomenda a adoção de práticas “como o manejo adaptativo e a pesca responsável”. Porém, essas práticas só podem ter eficácia, caso “povos e comunidades tradicionais, usuários dos bens da natureza, estiverem efetivamente envolvidos, tanto no manejo adaptativo quanto na pesca responsável” (DIEGUES, 2019, p. 118).

Sobre as plantas frutíferas, Aikanã L. (2015, p. 10), destaca que o resgate dos conhecimentos tradicionais sobre a utilização dos recursos naturais que atualmente são conhecidos pelas novas gerações, “leva a uma interação articulada entre escola-comunidade-família, divulgando as espécies frutíferas da aldeia a fim de preservá-las”. Complementa a discussão ao relatar que as frutas podem “vir a garantir uma sustentabilidade alimentícia na



aldeia, no entanto, são conhecidas pelos alunos, mas na maioria das vezes, estão distantes das proximidades da aldeia, dificuldade assim o seu consumo” (AIKANA L, 2015, p. 22).

Vemos uma potencialidade que, as comunidades indígenas possam tirar proveito de recursos de forma não prejudicial à natureza e elencar como renda extra ou até mesmo renda principal, como subsistência. Segundo Narciso (2013, p. 20), os indígenas, de modo geral, “dependem das plantas como parte fundamental para a sua subsistência, pois é da natureza que eles tiram seu alimento e até mesmo remédios para a cura de doenças”.

Nesse sentido, a Educação Ambiental é importante para os povos indígenas na preservação do meio ambiente. É um tema que deve ser trabalhado, fazendo cobranças junto aos órgãos governamentais competentes, de atividades voltadas para a conscientização. Essas atividades podem ser realizadas nas escolas, junto com as comunidades, com agentes de saúde e lideranças indígenas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A necessidade de preservar a floresta, refletir e procurar soluções para os impactos ambientais que vem sendo causado por latifundiários, contato com o não indígena, garimpeiros, madeireiros e mineradores nos territórios indígenas é fundamental para manutenção da biodiversidade e sobrevivência dos povos indígenas.

Os povos indígenas têm em seus etnoconhecimentos, informações essenciais as práticas de preservação ambiental, que são transmitidas pela oralidade ao longo das gerações. Nesse sentido, reconhece em seus escritos interculturais a necessidade de tratar esses assuntos em conjunto com a comunidade e com órgãos governamentais. A pesquisa limitou-se as produções dos egressos indígenas sobre assuntos relacionados ao tema central “Meio Ambiente e Preservação” e subdivididos em três seções, sendo elas: plantas medicinais, alimentação tradicional e aspectos relacionados a preservação do território indígena.

Notou-se uma preocupação em registrar saberes e fazeres, demarcação territorial, manejo, entre outras. É importante também discutir junto à comunidade indígena questões envolvendo a educação ambiental, visando buscar soluções para os impactos ambientais negativos ocasionados pela ganância humana, favorecendo assim a propagação das políticas públicas conservacionistas.



Há de se destacar também, a importância dos cursos de formação de professores indígenas aos quais os egressos estavam vinculados, que com a elaboração de um trabalho de conclusão de curso, foram possíveis serem compilados conhecimentos tradicionais fundamentais a cada povo indígena. Com essas produções, além do conhecimento repassado pela oralidade entre as gerações, também ficarão disponibilizados de forma escrita, garantindo que não se perca com o passar do tempo.

REFERÊNCIAS

AIKANÃ, Carlos. Terra Indígena Tubarão Latunde, seus Recursos Naturais e uma Proposta de Plano de Gestão Ambiental e Território. 2015. 55 p. **Trabalho de Conclusão de Curso** (Licenciatura Intercultural) - Fundação Universidade Federal de Rondônia – UNIR, Campus de Ji-Paraná, 2015. Disponível em: <http://www.deinter.unir.br/noticia/pagina>. Acesso em: 16 maio 2021.

AIKANÃ, Luzia. Plantas frutíferas da aldeia: experiência educacional com alunos Aikanã. 2015. 26 p. **Trabalho de Conclusão de Curso** (Licenciatura Intercultural) - Fundação Universidade Federal de Rondônia – UNIR, Campus de Ji-Paraná, 2015. Disponível em: <http://www.deinter.unir.br/noticia/pagina>. Acesso em: 15 maio 2021.

BARBOSA, José Aécio Alves; AGUIAR, José Otávio. Etnoconservação e história ambiental para um novo modelo conservacionista do século XXI. **Novos Cadernos NAEA**, v. 21, n. 1, p. 243-255, jan./abr. 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufpa.br/index.php/ncn/article/view/3795>. Acesso em: 16 maio 2021.

CÓRDULA, Eduardo Beltrão de Lucena; NASCIMENTO, Glória Cristina Cornélio do; LUCENA, Reinaldo Paiva Farias de. Comunidade, meio ambiente e etnociência: saberes locais na conservação dos recursos naturais. **Revista brasileira de educação ambiental**, [S. l.], v. V. 13, n. N° 2, p. 85-103, 2018.

CANOE, Fernando Maria Duarte. O território do povo Aruá em Rondônia. 2016. 43 p. **Trabalho de Conclusão de Curso** (Licenciatura Intercultural) - Fundação Universidade Federal de Rondônia – UNIR, Campus de Ji-Paraná, 2016. Disponível em: <http://www.deinter.unir.br/noticia/pagina>. Acesso em: 15 maio 2021.

DIEGUES, Antonio Carlos. **Desmatamento e modos de vida na Amazônia**. NUPAUB — Núcleo de Apoio à Pesquisa sobre Populações Humanas e Áreas Úmidas Brasileiras: [s. n.], 1999. 146 p. ISBN 85-8704-02-x.

DIEGUES, Antonio Carlos (Org.). **Os saberes tradicionais e a biodiversidade no Brasil**. São Paulo: MMA/COBIO/NUPAUB/USP, 2000.

DIEGUES, Antonio Carlos. Conhecimentos, práticas tradicionais e a etnoconservação da natureza. **DMA**, v. 50, p. 116-126, abr. 2019. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/made/article/view/66617/38436>. Acesso em: 16 maio 2021.



FIGUEIREDO, Edson dos Santos. Conhecimentos de crianças sobre o lixo na aldeia Kunanã. 2012. 23 p. **Trabalho de Conclusão de Curso** (Licenciatura Intercultural Indígena) - Universidade Federal do Amapá, Oiapoque-AP, 2018. Disponível em: <https://www2.unifap.br/indigena/tccs-digitalizados/>. Acesso em: 14 maio 2021.

FORTE, Vagner Batista. Conscientização do problema do lixo na aldeia Taminã, Terra Indígena Uaçá. 2013. 26 p. **Trabalho de Conclusão de Curso** (Licenciatura Intercultural Indígena) - Universidade Federal do Amapá, Oiapoque-AP, 2013. Disponível em: <https://www2.unifap.br/indigena/tccs-digitalizados/>. Acesso em: 15 maio 2021.

FREITAS, Priscila Barbosa de. Conhecimento etnoecológico e conservação dos recursos pesqueiros na Terra Indígena Juminã. 2016. 59 p. **Trabalho de Conclusão de Curso** (Licenciatura Intercultural Indígena) - Universidade Federal do Amapá, Oiapoque-AP, 2016. Disponível em: <https://www2.unifap.br/indigena/tccs-digitalizados/>. Acesso em: 15 maio 2021.

GAVIÃO, Cristiane Ambé. Plantas medicinais do povo Panyjej-Zoró: A importância da utilização das plantas medicinais. 2015. 47 p. **Trabalho de Conclusão de Curso** (Licenciatura Intercultural) – Fundação Universidade Federal de Rondônia – UNIR, Campus de Ji-Paraná, 2015. Disponível em: <http://www.deinter.unir.br/noticia/pagina>. Acesso em: 16 maio 2021.

GAVIÃO, José Palahv. Plantas medicinais do povo Gavião: revitalização do conhecimento tradicional. 2015. 37 p. **Trabalho de Conclusão de Curso** (Licenciatura Intercultural) - Fundação Universidade Federal de Rondônia – UNIR, Campus de Ji-Paraná, 2015. Disponível em: <http://www.deinter.unir.br/noticia/pagina>. Acesso em: 16 maio 2021.

GAVIÃO, Sebastião. Plantas medicinais utilizadas nos rituais de cura do povo Arara-Karo. 2015. 31 p. **Trabalho de Conclusão de Curso** (Licenciatura Intercultural) - Fundação Universidade Federal de Rondônia – UNIR, Campus de Ji-Paraná, 2015. Disponível em: <http://www.deinter.unir.br/noticia/pagina>. Acesso em: 15 maio 2021.

GOMES, G.C.; MEDEIROS, C.A.B.; GOMES, J.C.C.; BARBIERI, R.L. A Crise paradigmática nas ciências de identificação de plantas e a valorização da etnobotânica. **Revista Agroambiental**, Pouso Alegre-RS, v.9, n.1, 2017.

HENRIQUE, Alair; SANTOS, Fabio dos. O Uso de plantas medicinais na comunidade indígena Kumarumã. 2012. 17 p. **Trabalho de Conclusão de Curso** (Licenciatura Intercultural Indígena) - Universidade Federal do Amapá, Oiapoque-AP, 2016. Disponível em: <https://www2.unifap.br/indigena/tccs-digitalizados/>. Acesso em: 14 maio 2021.

JABOTI, José Roberto. As ervas medicinais do povo Djeoromitxi: descrição de usos e conhecimento tradicional. 2015. 29 p. **Trabalho de Conclusão de Curso** (Licenciatura Intercultural) - Fundação Universidade Federal de Rondônia – UNIR, Campus de Ji-Paraná, 2015. Disponível em: <http://www.deinter.unir.br/noticia/pagina>. Acesso em: 16 maio 2021.



JABOTI, Vandete. Sabores alimentares do povo Djeoromitxi e as mudanças provocadas pelos temperos ocidentais. 2015. 29 p. **Trabalho de Conclusão de Curso** (Licenciatura Intercultural) - Fundação Universidade Federal de Rondônia – UNIR, Campus de Ji-Paraná, 2015. Disponível em: <http://www.deinter.unir.br/noticia/pagina>. Acesso em: 15 maio 2021.

KARITIANA, Marcelo Tasegnã. O processo de cura com plantas medicinais do povo Karitiana. 2016. 48 p. **Trabalho de Conclusão de Curso** (Licenciatura Intercultural) - Fundação Universidade Federal de Rondônia – UNIR, Campus de Ji-Paraná, 2016. Disponível em: <http://www.deinter.unir.br/noticia/pagina>. Acesso em: 15 maio 2021.

KANOÉ, Rosilene. Registros da Alimentação Tradicional do povo Kanoé- RO. 2015. 42p. **Trabalho de Conclusão de Curso** (Licenciatura Intercultural) - Fundação Universidade Federal de Rondônia – UNIR, Campus de Ji-Paraná, 2015. Disponível em: <http://www.deinter.unir.br/noticia/pagina>. Acesso em: 15 maio 2021.

LUCIANO, G.S. O Índio Brasileiro: **O que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil hoje**. Coleção Para Todos, Série Vias do Saber, n 01. Brasília: Edições MEC/Unesco. 2006.

MAKURAP, Maísa. A alimentação tradicional do povo Makurap/ RO e suas mudanças. 2015. 73 p. **Trabalho de Conclusão de Curso** (Licenciatura Intercultural) - Fundação Universidade Federal de Rondônia – UNIR, Campus de Ji-Paraná, 2015. Disponível em: <http://www.deinter.unir.br/noticia/pagina>. Acesso em: 15 maio 2021.

NARCISO, Cristiano Florêncio. Itens lexicais da fauna e flora Kheuól. 2013. 29 p. **Trabalho de Conclusão de Curso** (Licenciatura Intercultural Indígena) - Universidade Federal do Amapá, Campus Binacional Oiapoque. Disponível em: <https://www2.unifap.br/indigena/tccs-digitalizados/>. Acesso em: 14 maio 2021.

NUNES, Reginaldo de Oliveira; REIS, Pedro Guilherme Rocha dos; OLIVEIRA, Iuri da Cruz. Questões ambientais e a importância da educação em ciências para o empoderamento de indígenas da Amazônia. **Research, Society and Development**, [ano 2020, v. 9, n. eXX, ed. n.12, 26 maio 2021. DOI <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v9i12.XX>. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10451/45724>. Acesso em: 16 maio 2021.

NÚÑEZ, I. B.; RAMALHO, B. L. O conhecimento disciplinar docente para ensinar ciências naturais: reflexões para a formação de professores. **Revista Temas em Educação**, v. 26, n. 2, p. 10–37, 2018. DOI: 10.22478/ufpb.2359-7003.2017v26n2.35881. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/rteo/article/view/35881>. Acesso em: 6 dez. 2022.

ORO NAO', José Maria. Conhecimento tradicional do povo Oro Nao' da aldeia Bom Jesus sobre as plantas medicinais. 2016. 27 p. **Trabalho de Conclusão de Curso** (Licenciatura Intercultural) - Fundação Universidade Federal de Rondônia – UNIR, Campus de Ji-Paraná, 2016. Disponível em: <http://www.deinter.unir.br/noticia/pagina>. Acesso em: 15 maio 2021.



PEREIRA, Bárbara Elisa; DIEGUES, Antonio Carlos. **Conhecimento de populações tradicionais como possibilidade de conservação da natureza**: uma reflexão sobre a perspectiva da etnoconservação. Editora UFPR, [s. l.], ed. 22, p. 37-50, jul./dez. 2010. 2010.

SABANE, Edson. Os recursos hídricos da Terra Indígena Parque do Aripuanã-conhecimentos do povo Sabane. 2016. 43 p. **Trabalho de Conclusão de Curso** (Licenciatura Intercultural) - Fundação Universidade Federal de Rondônia – UNIR, Campus de Ji-Paraná, 2016. Disponível em: <http://www.deinter.unir.br/noticia/pagina>. Acesso em: 15 maio 2021.

SANTOS, Luiz Wallac Oliveira dos; SILVA, Daniel. A relação entre as fontes de renda e as atividades produtivas na aldeia Santa Izabel, Terra Indígena Uaçá no município de Oiapoque. 2019. 24 p. **Trabalho de Conclusão de Curso** (Licenciatura Intercultural) - Universidade Federal do Amapá, Oiapoque-AP, 2019. Disponível em: <https://www2.unifap.br/indigena/tccs-digitalizados/>. Acesso em: 15 maio 2021.

SANTOS, Roberto Marcelino dos. O Uso de Plantas Medicinais como Instrumentos de Valorização de Conhecimentos Indígenas na Escola da Aldeia Açaizal, Oiapoque/AP. 2013. 21 p. **Trabalho de Conclusão de Curso** (Licenciatura Intercultural Indígena) – Universidade Federal do Amapá, Oiapoque-AP, 2018. Disponível em: <https://www2.unifap.br/indigena/tccs-digitalizados/>. Acesso em: 15 maio 2021.

SOUSA, M. V. L.; MARTINS, D. V. As escolas indígenas do estado do Ceará: uma história de resistência. **Revista Temas em Educação**, [S. l.], v. 28, n. 2, p. 138–151, 2019. DOI: 10.22478/ufpb.2359-7003.2019v28n2.46123. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/rteo/article/view/46123>. Acesso em: 6 dez. 2022.

SURUÍ, Alexandre. Plantas medicinais do povo Paiteer Surui: sabedoria tradicional na Aldeia Gabgir. 2015. 30 p. **Trabalho de Conclusão de Curso** (Licenciatura Intercultural) - Fundação Universidade Federal de Rondônia – UNIR, Campus de Ji-Paraná, 2015. Disponível em: <http://www.deinter.unir.br/noticia/pagina>. Acesso em: 16 maio 2021.

SURUÍ, Renato Labiway. A Importância da Alimentação Tradicional na Cultura do Povo Paiteer da Aldeia Lapetanha, Cacoal, Rondônia. 2015. **Trabalho de Conclusão de Curso** (Licenciatura Intercultural) - Fundação Universidade Federal de Rondônia – UNIR, Campus de Ji-Paraná, 2015. Disponível em: <http://www.deinter.unir.br/noticia/pagina>. Acesso em: 15 maio 2021.

INDIGENOUS ETHNOCIENCE: discussions on environmental preservation from the perspective of indigenous graduates of the Intercultural Degree in the Amazon

ABSTRACT

Ethnoscience, from the indigenous perspective, is a particular group way of thinking and producing knowledge. Therefore, as it is culturally of oral tradition, it is necessary to find a way to systematize this knowledge in written form, ensuring that it is not lost over time. The



objective of this research was to investigate the ethnoconservation of biodiversity, through environmental preservation, from the perspective of indigenous graduates in their intercultural writings at the end of their course. The methodology involves a bibliographical research, with a qualitative approach, being analyzed 22 works of conclusion of course of egresses available in the department page of the Degree in Intercultural Education of the Federal University of Rondônia Foundation (UNIR) and Indigenous Intercultural Degree Course of the Federal University of Amapá (UNIFAP). The results bring important discussions about environmental preservation from the perspective of indigenous graduates, produced with their communities, pointing out not only its importance, but also the recognition of consequences arising from negative environmental impacts in their indigenous territories. It is essential, through ethnoscience, to systematize this ethnoknowledge in view of its written record and through them to think of solutions for environmental preservation.

Keywords: Ethnoscience. Indigenous. Amazon.

ETNOCIENCIA INDÍGENA: discusiones sobre preservación ambiental desde la perspectiva de egresados indígenas de la carrera intercultural de la Amazônia

RESUMEN

La etnociencia, desde la perspectiva indígena, es una forma particular de pensar y producir conocimiento grupal. Por lo tanto, al ser culturalmente de tradición oral, es necesario buscar la manera de sistematizar este conocimiento en forma escrita, procurando que no se pierda con el tiempo. El objetivo de esta investigación fue investigar la etnoconservación de la biodiversidad, a través de la preservación ambiental, desde la perspectiva de los egresados indígenas en sus escritos interculturales al final de la carrera. La metodología involucra una investigación bibliográfica, con abordaje cualitativo, siendo analizados 22 trabajos de conclusión de curso de egresos disponibles en la página departamental de la Licenciatura en Educación Intercultural de la Fundación Universidad Federal de Rondônia (UNIR) y Carrera de Licenciatura Intercultural Indígena de la Universidad Federal de Amapá (UNIFAP). Los resultados traen importantes discusiones sobre la preservación ambiental desde la perspectiva de los egresados indígenas, producidos con sus comunidades, señalando no sólo su importancia, sino también el reconocimiento de las consecuencias derivadas de los impactos ambientales negativos en sus territorios indígenas. Es fundamental, a través de la etnociencia, sistematizar estos etnoconocimientos a la vista de su registro escrito ya través de ellos pensar soluciones para la preservación ambiental.

Palabras clave: Etnociencia. Indígena. Amazonas.

Submetido em: 25 de novembro de 2022.

Aprovado em: novembro de 2022.

Publicado em: dezembro de 2022.